

Giuliano Gomes de Assis Pimentel
Cleber Mena Leão Junior
Verónica Gabriela Silva Piovani
(Organizadores)

ANAIS
VIII SEMINÁRIO DE ESTUDOS DO LAZER
O LUGAR DO LAZER NA ERA VIRTUAL



Maringá, Paraná

2019

“Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)”

(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

S471a

Seminário de Estudos do Lazer (8.: 2018 : Maringá, PR).
Anais... / VIII Seminário de Estudos do Lazer : O Lugar do Lazer na
Era Virtual, Maringá, PR, 14 a 17 de novembro de 2018; presidente
Giuliano Gomes de Assis Pimentel ; organizadores Cleber Mena Leão
Junior ; Verónica Gabriela Silva Piovani. – Maringá, PR: GEL/UEM,
2019.
109 p.: il. color.

ISBN 978-85-54259-05-1

<http://gel-uem.wixsite.com/seminariodolazer>

Conteúdo: Programação, Conferências, Palestras e comunicações
(textos completos).

1. Lazer. 2. Educação Física. 3. Recreação. 4. Jogos recreativos. 5.
Políticas públicas - Lazer. I. Pimentel, Giuliano Gomes de Assis, pres.
II. Vieira, Alessandra Fernandes, org. III. Universidade Estadual de
Maringá. Grupo de Estudos do Lazer. IV. Título.

CDD.23.ed-709.1

Márcia Regina Paiva CRB-9/1267

Organizadores

Giuliano Gomes de Assis Pimentel (GEL/UEM)

Cleber Mena Leão Junior (ABRE)

Verónica Gabriela Silva Piovani (UNIOESTE)

Editora

Clube dos Recreadores Editora

OBSERVAÇÃO

A revisão dos textos é de responsabilidade dos seus autores.

14. MEIO AMBIENTE, AVENTURA E LAZER: QUESTÕES CORRELATAS À FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Me. Isabel Cristina Martines
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
E-mail: belmartines@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca relatar e analisar algumas das experiências realizadas no Projeto Escola-Aventura, desenvolvido ao longo do ano 2017 no âmbito do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFPR no Setor Litoral, município de Matinhos.

Partimos da premissa de que embora a região litorânea paranaense ofereça diversas áreas naturais, o potencial para a prática de aventura nesses locais ainda está latente e, de acordo com levantamento inicial realizado pela autora, grande parte dos graduandos em Educação Física (EF) e dos jovens que participaram do projeto não tem o hábito de frequentar, ou sequer conhecem, muitos desses pontos localizados em seu município, sendo incipientes as experiências de lazer relacionadas às modalidades de aventura em tais lugares.

Nesse sentido, o projeto constituiu-se sob uma égide científico-social expressa em dois objetivos principais: I) ampliar as oportunidades de espaços e processos de ensino-aprendizagem que promovam a formação acadêmica, profissional e humana dos futuros professores e professoras de EF, buscando formar educadores capazes de planejar, aplicar, avaliar e produzir conhecimento sobre práticas corporais de aventura e; II) promover, junto aos jovens da rede pública de ensino, vivências que possam explorar sensações, emoções, autoconhecimento e valorizem o senso de pertencimento, como possibilidade para promover o (re)conhecimento e a valorização das potencialidades desse território.

As questões expostas aqui buscam contribuir, especialmente, com as reflexões sobre o trato pedagógico das práticas corporais de aventura na formação de professores e professoras de EF, de modo que sejam orientadas para uma atuação que privilegie a promoção do lazer em consonância com o reconhecimento e a valorização dos sujeitos e do ambiente em que vivem.

METODOLOGIA

Assumindo que “as escolhas de um pesquisador se dão em função das experiências pessoais e profissionais e do que eleger como prioritário a seus anseios investigativos” (KRAVCHYCHYN *et al*, 2013, p. 1102), a opção metodológica proposta para o estudo está fundamentada na pesquisa-ação, que se caracteriza como um tipo de pesquisa social “com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes [...] estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. (THIOLLENT, 2007 p. 16). Deste modo, considerando minhas posições de docente e pesquisadora, me situo em relação à pesquisa como alguém que

“pretende conhecer (pesquisa) e atuar (ensino), superando a diferença entre pesquisador (facilitador e colaborador) e professor (produtor de conhecimentos a partir de sua prática)” (KRAVCHYCHYN *et al*, 2013, p. 1101).

Em relação à sua base conceitual, o projeto pautou-se fundamentalmente por uma relação dialógica, tendo como orientação teórica reflexões críticas sobre a prática pedagógica da EF e sua relação com as práticas corporais de aventura e lazer (MARINHO, 2005; GUIMARÃES *et al*, 2007; DOMINGUES, KUNZ e ARAÚJO, 2011; PIMENTEL, MOREIRA e PEREIRA, 2013), bem como algumas discussões acerca das questões socioambientais que emergem do território em questão (ESTADES, 2003).

Quanto à sistematização das ações: realizado no contraturno escolar, o projeto assumiu o formato de oficinas, desenvolvidas ao longo de 10 semanas, com 30 horas de duração. Foram ofertadas 20 vagas em cada uma das quatro turmas e, ao total, 65 jovens entre 13 e 17 anos de dois colégios estaduais tiveram mais de 75% de frequência. Em relação à equipe executora, participaram sete estudantes da licenciatura em EF, sendo dois bolsistas e cinco voluntários.

A proposta efetivou-se a partir de três momentos principais. Na primeira etapa foi realizado o planejamento coletivo com a participação da coordenação do projeto, bolsistas e voluntários, após reconhecimento das potencialidades locais e, fundamentalmente, a escuta dos jovens atendidos em cada um dos grupos. Num segundo momento, foram realizadas as ações diretas com os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e 1º a 3º anos do Ensino Médio. As práticas realizadas foram: corrida de aventura, *stand up paddle*, canoagem, *skate*, *slackline*, *parkour*, rapel, ciclismo e caminhadas em trilhas. Outras noções básicas e experiências vivenciadas foram: visitação de Unidades de Conservação, medidas de mínimo impacto em ambientes naturais, segurança e riscos envolvidos em práticas na natureza e primeiros socorros. Foram realizados momentos teórico-práticos na universidade e em diversos locais do município como a praia, morros, rios, cachoeiras e parques. Num terceiro momento, todos os envolvidos foram estimulados a participar da avaliação das ações desenvolvidas.

Os processos de coleta de dados foram subsidiados pelos seguintes instrumentos: a) registro dos dados das aulas (número de participantes e características de cada encontro); b) relatórios produzidos pelos acadêmicos; c) reuniões semanais entre a equipe executora; d) instrumentos escritos de avaliação e autoavaliação distribuídos aos participantes. Com o auxílio desses instrumentos buscou-se perceber, principalmente, os seguintes aspectos: mudanças na percepção e condutas dos participantes; assiduidade e evasão nas atividades; preferências de temáticas e métodos didáticos mais adequados para a realidade; autonomia e protagonismo no desenvolvimento das ações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do levantamento realizado ao longo do ano com os graduandos e jovens escolares participantes, os principais aspectos considerados positivos relacionados ao processo de ecoformação foram: a) o (re)conhecimento de novos lugares para práticas de lazer – a maior parcela dos participantes (incluindo-se os graduandos), mesmo residindo na região, não conhecia anteriormente os locais onde as atividades foram realizadas; b) promoção da

socialização, espírito de coletividade e da noção de responsabilidade (consigo, com os demais, com o ambiente, com os equipamentos); c) democratização das práticas de aventura – os estudantes da rede pública puderam realizar práticas corporais que não estão inseridas no seu cotidiano e a ampla maioria vivenciou, pela primeira vez, muitas das práticas ofertadas; d) mudanças de atitudes - conscientização sobre os impactos ambientais e aumento da percepção sobre o lixo nos locais de atividades; e) capacidade da equipe em acompanhar de perto cada um dos adolescentes durante a execução das práticas, o que aumentou a sensação de segurança.

A partir das análises empreendidas, é possível afirmar que o projeto atingiu seu primeiro objetivo, propiciando aos licenciandos experiências significativas de formação, nas quais foi possível: reconhecer as características sociais e naturais da região, analisando o conjunto de práticas corporais de aventura que podem ser realizadas, bem como seus diversos sentidos e usos; analisar criticamente conceitos como sustentabilidade, preservação e educação ambiental, percebendo sua relação com as atividades humanas como o esporte e o lazer; organizar jogos, brincadeiras e outras atividades corporais de aventura que possibilitem conhecer e desfrutar o ambiente; planejar e vivenciar a logística de organização das atividades, conhecendo técnicas básicas necessárias para a organização e condução, além de analisar e aplicar a gestão do risco em atividades de aventura.

Em relação ao segundo objetivo, obviamente não é possível supor – tampouco provar – que o fato de levar os jovens às áreas naturais para realizar atividades de aventura possa gerar automaticamente seu vínculo com o meio ambiente natural, todavia, as análises das autoavaliações produzidas pelos estudantes participantes destacam elementos que permitem inferir que incentivar práticas corporais em contato direto com a natureza pode ser um dos caminhos para influenciar positivamente as disposições e os aspectos comportamentais da ecoformação em sua relação com o lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as análises empreendidas sobre as experiências empíricas, as ações desenvolvidas pelo Projeto Escola-Aventura puderam proporcionar espaços qualificados para o processo de *ecoformação*. Permitiram a construção e a troca de saberes que envolveram as múltiplas dimensões (sociocultural, motora, psicológica) do ser humano. Entre esses saberes destacamos: o aumento do repertório de movimentos (portanto, aumento das possibilidades de práticas corporais), da convivência social e da percepção dos potenciais dos espaços naturais para a realização de práticas corporais de aventura como atividades de lazer.

No contexto analisado, as ações realizadas justificaram-se não somente por proporcionar práticas inovadoras, mas também porque permitiram que os envolvidos pudessem interagir e, acima de tudo, puderam lançar novos olhares à realidade que se apresenta. Nesse sentido, destacamos que a atuação da EF no tocante às práticas corporais de aventura deve contribuir com um processo de *ecoformação* que privilegie, por meio da dialogicidade, as dinâmicas e culturas da região em que se insere.

REFERÊNCIAS

DARIDO, S. C.; CAVASINI, R.; FRANCO, L. C. P. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. de. (Orgs). **Práticas corporais e a organização do conhecimento**. Maringá: Eduem, 2014.

DOMINGUES, S. C.; KUNZ, E.; ARAÚJO, L. C. G. Educação Ambiental e Educação Física: possibilidades para a formação de professores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n.3, p. 559-571, jul./set. 2011.

ESTADES, N. P. O litoral do Paraná: entre a riqueza natural e a pobreza social. **Desenvolvimento & Meio Ambiente**. Curitiba: Editora UFPR, 2003, p. 25-41.

GUIMARÃES, S. S. M. et. al. Educação Física no Ensino Médio e as discussões sobre Meio Ambiente: um encontro necessário. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 157-172, maio 2007.

KRAVCHYCHYN, Claudio. *et al.* Resenha do Livro Educação Física Escolar: Ensino e Pesquisa-Ação, de Mauro Betti. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 4, p. 1099-1103, out./dez. 2013.

MARINHO, A. Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo. **Revista Digital - Buenos Aires**. - Ano 10, n. 88, set. 2005.

PIMENTEL, G. G. de A.; MOREIRA, E. C.; PEREIRA, R. S. Lazer, Meio Ambiente e Educação Física Escolar: relações possíveis? **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 16, n. 1, p. 282-296, jan./mar. 2013.

SILVA, A. T. R. Ecoformação: reflexões para uma pedagogia ambiental, a partir de Rousseau, Morin e Pineau. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, PR: Editora UFPR, n. 18, p. 13-26, p. 95-104, jul./dez. 2008.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2007.